

FOLHA DE S. PAULO

95
anos

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 • SEGUNDA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 2016 • Nº 31.946 EDIÇÃO NACIONAL • CONCLUÍDA AS 21H10 • R\$ 4,00



FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★
SEGUNDA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 2016



O suíço Marcel Hug, que ficou com o ouro, em disputa com o australiano Kurt Fearnley, que acabou com a prata, na maratona T54, uma das modalidades em cadeira de rodas

vaivém

COM BOA ORGANIZAÇÃO, PARAOLIMPÍADA DO RIO REPRESENTA MARCO DA INCLUSÃO NO BRASIL, MAS ATLETAS DO PAÍS FICAM ABAIXO DA META

JAIRO MARQUES
ENVIADO ESPECIAL AO RIO

Muito do que se viveu, viu e sentiu durante os 12 dias dos Jogos Paraolímpicos do Rio de Janeiro, encerrados neste domingo (18), guarda semelhanças com a realidade das 45 milhões de pessoas com deficiência do país, que buscam sempre por caminhos alternativos ressaltar valores e conseguir chegar a um destino mais digno.

Se os astros da delegação brasileira com 287 atletas, a maior até aqui, não brilharam como se esperava, novos nomes com suas cadeiras de rodas, gulas e próteses surgiram e cativaram o público.

Se a organização pecou em detalhes que levaram transtornos aos que guardam diferenças físicas e

sensoriais, a receptividade calorosa e incansável dos voluntários tentou compensar desgastes.

O que começou no Maracanã com um cerimônia simples, mas apoteótica em emoções — e vaias ao presidente Michel Temer —, terminou com mais de 2 milhões de ingressos vendidos para pessoas interessadas em esportividade e que conheceram mais sobre como um cego pode jogar futebol ou como um nadador cujo corpo não remete aos dos deuses do olimpo pode ser um herói paraolímpico.

De evento inicialmente desacreditado por parte da mídia e da opinião pública, esta Paraolimpíada entra para a história como a que mais rendeu medalhas à delegação do Brasil, embora as láureas de ouro não tenham chegado ao patamar propagado

de quinta melhor nação.

Na elite deste ranking, estão mais uma vez os obstinados e recordistas chineses e ainda os disciplinados ingleses e os explosivos ucranianos.

Esta edição, que registrou sua primeira morte, a do iraniano Bahman Golbarnezhad no final da prova de ciclismo, também fica marcada tanto por dar visibilidade a um potente esporte mundial desconhecido pela maioria dos brasileiros como por ter descortinado belezas, capacidades, valores e méritos em pessoas que por suas características físicas ou sensoriais incomuns pouco são encaradas como cidadãs no país.

» LEIA MAIS nas pág. 2 e 6

SUPREMACIA
Com 107 ouros no Rio, China domina cenário do esporte paraolímpico desde 2004 Pág. 4

Ricardo Moraes - 13 set 2016/Reuters

ACIDENTE
Percurso onde morreu iraniano foi autorizado por federação de ciclismo, diz Rio-2016 Pág. 3

Christophe Simon - 17 set 2016/AFP

